

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VII

HOMENAGEM AO PROF. PIERRE DAVID

VOLUME II



COIMBRA / 1957

Santa Iria e Santarém

Ao estudar a formação do Santoral hispânico, escreveu o P.^e Pierre David: «Sainte Irène est une illustre martyre de Thessalonique, compagne des saintes Agape et Chionia; sa fête est le 3 ou le 5 avril. La ville de Scalabis (aujourd'hui Santarém) en Lusitanie lui élève une basilique; peu à peu Irène fut considérée aussi comme martyre locale que Ton fêtait le 20 octobre, date sans doute de „la consécration de cette basilique». Esclarecia, porém, que os mais antigos calendários peninsulares não continham o seu nome, «qui se trouve seulement ajouté de seconde main dans r*Antiphonaire* de Léon de 1066» X¹).

Essa ideia do templo dedicado à santa, já o Dr. Leite de Vasconcelos a havia apresentado nos seguintes termos: «É provável que ou ao santuário de Santa Iria, situado na margem do Tejo, onde hoje está Santarém, ou à povoação se desse o nome de «*Sancta Irene* de Scallabis», tendo depois a segunda parte do nome sucumbido diante da importância do primeiro» ... «*SanfEirene* explica perfeitamente *Santarém*, por intermédio de *Sant(ajet-rée > Santerem)*. E noutra ponto confirmou: «*Santarém* vem de *Irene*, (...) isto é, de *Sanct'Irene*. O mais antigo documento com a forma do nome é de 985, e esta é *Sanctaeirene*» (2).

Por sua vez, o Prof. Joseph M. Pici aceitou a identificação da santa, proposta por Pierre David, e quanto à evolução dos nomes acrescentou: «Observaremos que a base de *Iria* vem a ser um nominativo do tipo latino, * *Irena*, ao passo que *Santarém* está

0) P. David, *Études historiques sur la Galice et le Portugal*, p. 207; cf. 213, 232.

(2) J. L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, MI, pp. 413 e 248.

pelo genit. *Irenae*, *Irene*, mostrando a mesma evolução que *bem* < *bene*»⁽³⁾.

São tão claras e decisivas as conclusões destes abalizados mestres, que quase desaconselhavam novo estudo do mesmo tema. Vejamos, todavia, se elas assentam em sólido fundamento histórico.

1. A SUCESSÃO DE SCALABIS

Refugado o que entra pelos domínios da mitologia, Santarém compraz-se em reivindicar a sucessão histórica de *Scal(l)abis*. Não é muito o que se sabe desta antiga cidade da Lusitânia, mas é o bastante para a colocar entre as de maior importância no actual território português.

A informação fundamental provém de Plínio, que diz: «Toda a província (da Lusitânia) se divide em três conventos: Emeritense, Pacense, Scalabitano, com o total de 45 *populi*, cinco dos quais são colónias...» «A quinta (colónia) é *Scallabis*, a que se chama *Praesidium Iulium*»⁽⁴⁾.

Sede de convento jurídico, onde residiam e administravam justiça os respectivos magistrados, *Scallabis* tinha, como se vê, a categoria de *colonia*, que dava aos seus moradores o direito de viverem segundo as leis romanas. Dependia do *conventus Scallabitanus* o território situado entre Tejo e Douro, abrangendo as cidades de *Olisipo*, que gozava privilégios de *municipium*, *Conimbriga* e *Aeminium*. Ao nome indígena da cidade foi acrescentada a denominação romana de *Praesidium Iulium*, em homenagem a Júlio César, como a Eborá *Liberalitas Iulia* e a Olisipo *Felicitas Iulia*. Da origem e significado da palavra *Scallabis*, só a nossa erudição renascentista soube dizer alguma coisa entretecendo a fábula de Abidis, o prodigioso menino, filho de Ulisses e Calipso.

No *Itinerário* chamado de Antonino, *Scalábin* é mencionada

(3) J. M. Piel, *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular*, Coimbra 195*0, n.º 40; p. 57-6-8 da separata da «Biblos».

(4) «Universa provincia dividitur in conventus tres, Emeritensem, Pacensem, Scallabitanum, tota populorum XLV, in quibus coloniae sunt quinque [...] quinta est Scallabis quae Praesidium Iulium vocatur» (C. Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, 117). Cf. J. L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, pp. *im* e *ij*175.

por duas vezes, à distância de 62 milhas de Lisboa, como estação das estradas que desta cidade levavam a Braga e a Mérida.

As cidades situadas junto às grandes vias de comunicação eram naturalmente as mais experimentadas em épocas de invasão e recontro de povos. GPelo ano de 460, *Scalabis* foi disputada entre godos e suevos e acabou por cair em poder de Sunierico, que militava a favor de Teodorico, rei dos Visigodos. Assim o refere o *Chronicon* de Idácio: *Suniericus Scalábim, cui adversabatur, obtinet Civitatem* (5).

¿Durante o dominio visigótico, é provável que tenha continuado como povoação de importancia. Coube-lhe ao menos a honra de lá ter nascido, cerca do ano de 540, João Biclarense, bispo de Gerona, como diz Santo Isidoro de Sevilha no seu livro *De Viris Illustribus* (cap. 44): *Joannes Gerundensis Ecclesiae Episcopus, nativitate Gothus, Provinciae Lusitaniae, Scalabi natus* (6).

É esta a última notícia historica que se inscreve nos fastos de *Scalabis*. Como Santo Isidoro faleceu no ano de 636, é quase certo que a cidade subsistia com o nome antigo em princípios do século vil.

Pelo ano de 713, tanto esta região como a de Coimbra são subjugadas pelas armas de Muça. E nunca mais se fala em *Scalabis*. A povoação que pretende recolher a sua herança histórica aparece, alguns séculos depois, em poder dos muçulmanos, com o nome de *Santarém*. Terá esta algum direito para se habilitar à sucessão ?

'Não restam monumentos que permitam localizar com absoluta segurança a cidade lusitana. No entanto, como as estradas medievais seguiam o curso das vias romanas e há estações perfeitamente identificadas, a contagem das milhas pelo Itinerário de Antonino pode dar-nos uma certa aproximação. Ora, de Lisboa a *1er abriga*, que alguns situam em Alenquer, contavam-se 30 milhas; depois a *Scalabin* mais 32, a *Sellium* 32, a *Conembriga* 34, a *E minium* 10.

Tendo procedido a sério exame destes problemas, o Tenente-Coronel A. Botelho da Costa Veiga admitiu a probabilidade de que *Scalabis* se localizasse cerca de Vale de Figueira, e *Sellium*

(5) *España Sagrada*, IV, p. 381; XIV, p. 180.

(6) *E. S., W*, p. 373'.

cerca de Chão de Maçãs (7). A identificação que de há muito se costuma fazer com Santarém e Tomar, não se baseia em documentos nem numa autêntica tradição, mas apenas em serem estas agora as cidades mais importantes das respectivas regiões.

A explicação geralmente admitida para a mudança de *Scalabis* em Santarém é que se trata de uma homenagem a *Santa Irene* ou *Iria*. Almeida Garrett chama a Santa Iria «a madrinha e padroeira desta terra, cujo nome aqui fez esquecer o de romanos e celtas».

2. (LENDA HAGIOGRAFICA DE SANTA IRENE

Segundo a lenda hagiográfica, Irene era filha de Hermígio e Eugénia, gente nobre de *Nabantia*, e foi educada em criança por duas piedosas mulheres, Casta e Júlia, irmãs de seu pai (8). Entrou depois num mosteiro governado pelo abade Sélio, irmão de sua mãe, e teve por mestre o douto monge Remigio, que lhe ministrou o ensino das letras e da vida religiosa.

Era então senhor de Nabância o nobre Castinaldo, casado com Cássia, os quais tinham um filho único, chamado Britaldo. Perto do seu palácio, havia uma igreja dedicada a S. Pedro, que Irene costumava visitar, acompanhada de outras monjas, no dia da festa do Apóstolo. Tendo-a visto no templo, Britaldo ficou enamorado da sua formosura e apaixonou-se por ela, a ponto de adoecer gravemente. Sabendo da doença por divina revelação, Irene decidiu ir visitá-lo, para o dissuadir do seu amor. Britaldo acedeu, contanto que ela não consentisse em conceder a outrem o que lhe negava a ele. Irene assim prometeu e, impondo sobre ele as mãos, restituiu-lhe a saúde.

Passados dois anos, veio a apaixonar-se por ela o próprio monge

•(7) A. B. da Costa Veiga, *algumas estradas romanas e medievais*, Lisboa 1943, pp. 11-12. Cf. José iH. Barata, *Santarém e Scalabis—Uma tese revolucionária*, «Vida Ribatejana» H9'55.

(8) Diz Pinho Leal que na aldeia da Torre de Magueixa, freguesia de Reguengo do Fetal, a 9 quilómetros de Leiria, há uma ermida dedicada a Santa Iria e construída, segundo a tradição, «nas casas em que ela nasceu» (*Portugal Antigo e Moderno*, v. «Reguengo do Fetal»). Já no princípio do séc. XVI existia esta tradição, da qual discorda Fr. Isidoro de Barreira, na obra adiante citada.

Remigio, e, como Irene o repelisse, ministrou-lhe urna beberagem que a fizesse aparentar gravidez. Julgando que ela tinha faltado ao prometido, Ritaldo incumbiu um escudeiro de seu pai, chamado Banão, de a matar. Costumava a donzela ir rezar à beira do Nabão, depois de Matinas, ao alvorecer. Ali a encontrou o soldado e lhe atravessou a garganta com uma espada e atirou o cadáver ao rio.

Na manhã seguinte, como ela não aparecesse, correu fama de que tinha fugido com um amante, mas o abade Sélio, tendo revelação do acontecido, contou a verdade aos monges e ao povo. Acompanhado por eles, começou a procurar o corpo pelo rio Nabão e depois pelo Zêzere e pelo Tejo. Junto de Scalabioastro, deparou-se-lhes enfim, na margem do rio, cujas águas se haviam afastado, um sepulcro de mármore em que estava milagrosamente encerrado o corpo da mártir. Não podendo retirá-lo, o abade Sélio limitou-se a levar consigo algumas relíquias dos cabelos e da túnica. E tudo se ocultou outra vez sob as águas do Tejo. O caso foi tão célebre que a cidade passou a chamar-se de *Santa Irene*.

Tal é, em resumo, o que conta a lenda hagiográfica, já constituída com todos os pormenores no princípio do século XVI e ainda hoje conservada no Breviário de Lisboa.

3. LENDAS POPULARES

A par com esta, há a lenda popular contida no rimance de Santa Iria ⁽⁹⁾. Foi Almeida Garrett quem mais contribuiu para a ligai a Santarém com o que escreveu nos capítulos XXIX e XXX das *Viagens na minha Terra*. Ele próprio confessa, porém, que em nota ao *Romanceiro* tinha utilizado uma versão proveniente do Minho e só depois da visita à capital do Ribatejo, em Julho de 1843, recompôs o texto «pela colação de muitas e várias versões provinciais com a ribatejana em bordalenga».

(9) Este romance tem enorme bibliografia. Silva Pinto, em *Santos Portugueses*, Lisboa 1895, p. 227, reproduz um artigo de Armando da Silva com informações até 1891. Trabalhos modernos: Luís Chaves, *Estudos de Poesia Popular*, Porto 1:9'4'3, pp. 57-92; José Pérez Vidal, *Santa Irene*, em «Revista de Dialectología y Tradiciones Populares», tomo IV, Madrid 1.948, pp. 5T8-5&9.

A certa altura pergunta: «Por que é que a Santa Iria de trova popular é tão diferente da Santa Tria das lendas monásticas?» Chegou a ocorrer-lhe que talvez tivesse havido «duas santas deste nome, ambas de aventureira vida», mas afastou a hipótese por não a achar documentada. Herculano tinha as suas razões para o classificar de bom poeta e bom dramaturgo, mas fraco erudito.

O pior é que ainda agora, depois de tantos estudos feitos por grandes eruditos, ninguém repara em que as duas lendas são tão diversas, que é forçoso distinguir as suas heroínas. Ao contrário da primeira, recolhida em mosteiro dirigido pelo tio, a do rimance vivia na casa paterna, tinha duas irmãs e ocupava-se em labores de costura. O cavaleiro que nessa casa pediu pousada, raptou-a de noite e degolou-a no caminho, só por maldade. Os episódios posteriores também não têm qualquer paralelismo com o da lenda hagiográfica.

O rimance ou xácara de Santa Iria está divulgado, não só em todas as províncias do nosso país, mas ainda no Brasil, em Espanha, nas ilhas Canárias e na América espanhola. Em Trás-os-Montes a protagonista chama-se *Irédia* ou *Helena*; nas versões em língua castelhana, é *Elena* ou *Teresa*. Em nenhuma delas aparece a mínima referência a Santarém ou a Tomar ⁽¹⁰⁾, nem qualquer pormenor que permita localizar o cenário romanesco.

Para mais, surge-nos ainda, a norte do Douro, a lenda de outra Santa Iria. Dominando a região de Entre-os-Rios, alonga-se por uns quatro quilómetros o chamado monte Mòsinho, que parece aguardar a hora em que lá cheguem as investigações arqueológicas. Refere a tradição local que nesse monte foi martirizada pelos godos, em meados do século v, uma tecedeira que vivia no sitio a que legou o seu nome e que ainda agora é conhecido por Monte de Santa Iria. Aí teria existido um mosteiro de freirás que, no século xv, se uniu ao de Santa Clara do Torrão.

⁽¹⁰⁾ O romance popular é inteiramente desconhecido nesta cidade: Vieira Guimarães, *Tomar—Santa Iria*, Lisboa 1-9*2 7, p. 210. — São de apreciar os «Excerptos documentais» relativos à lenda hagiográfica recolhidos neste livro (p. 101-199), e que o autor confessa dever ao erudito investigador Pedro de Azevedo. Da sua parte, como médico, V. Guimarães apresenta uma «interpretação» muito original, com o diagnóstico da «exquisita doença» de que teria sofrido a santa — uma «neurastenia» seguida de «enterocolite», cujos sintomas descreve... (p. 203).

Na igreja paroquial da freguesia de S. Vicente do Pinheiro, havia um altar dedicado a esta Santa Iria, com uma imagem de pedra que se dizia ter vindo do referido mosteiro. A imagem esteve depois colocada num nicho, na sacristia da mesma igreja, e foi enfim cedida ao Museu do Seminário do Porto. O povo das terras próximas do Mòsinho continua a ter grande devoção a Santa Iria, tecedeira ⁽ⁿ⁾.

Aparecem, pois, várias santas do mesmo nome, celebradas em diversas lendas. Será preciso recordar, a todo o instante, que as figuras da lenda não precisam de ter outra existência histórica ?

4. DOCUMENTAÇÃO LITÚRGICA

Como outras da mesma espécie, a lenda hagiográfica de Santa Irene levou séculos a elaborar. Infelizmente, não dispomos de elementos que permitam acompanhar-lhe todas as fases, embora a documentação conhecida se preste a estudos que não se têm feito até hoje.

A primeira menção da festa não parece anterior ao ano de 1066 e encontra-se num livro litúrgico da catedral de Leão, que assim a regista no calendário, a 20 de Outubro: *Sancte Erene uirginis in Scallabi Castro* ⁽¹²⁾.

Embora tão breve, é preciosa esta notícia, não só por ser a mais antiga, mas sobretudo por conter a interpretação tradicional do nome de Santarém, em ligação com o da velha cidade lusitana através de uma variante de fantasia.

No calendário do Missal de Mateus, que Pierre David atribui ao terceiro quartel do século XII, acha-se também a 20 de Outubro,

⁽ⁿ⁾ IPinho Leal, *Port Ant. e Mod.*, v. «Pinheiro (S. Vicente)»; *Relatório do Movimento Religioso da Diocese do Porto (1922-1923)*, p. 382, comunicação do pároco. O rev. Dr. D. de Pinho Brandão, organizador do Museu, informa que a imagem é de calcáreo, está danificada, ostenta um livro fechado e lhe parece do séc. XV.

⁽¹²⁾ Calendário *D* do «*Liber Ordinum*» ed. em 1904 por Dom Marius Férotin; *Antiphonarium mozarabicum de la catedral de Léon* ed. pelos Beneditinos de Silos em 1892; cf. «*Analecta Sacra Tarraconensia*», XIV (1941), pp. 33, 3i5, n.º 9, e '56,

em concorrência com a festa do mártir S. Caprásio, a de Santa Iria, assim designada: *Erenae virginis* ⁽¹³⁾.

No Martirologio inserto no livro das Calendas da Sé de Coimbra (séc. XIV), depois do registo de S. Caprásio, lê-se o seguinte: *Eodem die in Hispania Scalabi castro natale sancte Herene uirginis et martiris a qua sancta sumpsit nomen dictum castrum et ex tunc dicitur Sanctarena* ⁽¹⁴⁾.

Temos aqui bem explicitada a ideia de que a palavra Santarém provém do nome da santa, já então incluída entre as mártires.

O Breviário do Cônego Soeiro, que Mons. Ferreira diz ser do princípio do século XV mas reproduzir um texto de meados do anterior, dá também a santa com virgem e mártir, no seu calendário: *Irene Vg. et Mart. apud Sanctarenam* ⁽¹⁵⁾.

No estudo que consagrou aos hinos da santa neste Breviário, o P.^o Mário Martins põe em relevo que a lenda está ainda longe da sua última forma, pois «reveste-se aqui de mais compostura e menos romantismo, sem bebidas maléficas, nem sinais de uma maternidade infamante, sem monges perversos nem a aventura do cadáver levado pelas águas». ⁽¹⁶⁾.

Os elementos concretos que se extraem destes hinos não chegam para compor uma verdadeira biografia. Apenas se fica a saber que a virgem *Herena*, nobre por nascimento e mais ainda por suas virtudes, restituiu a saúde a um jovem de cuja enfermidade teve conhecimento por celeste revelação. iSem temer ameaças dos ímpios, conquistou a dupla coroa de virgem e mártir, morendo à espada por não aceitar um casamento. Nem faltaram milagres a comprovar-lhe a santidade, pois muitos doentes se curavam ao tocar nas suas relíquias ⁽¹⁷⁾. Segundo supõe Mário Martins, estes hinos da santa

⁽¹³⁾ ip. David, *Études Historiques* cit., p. 534.

⁽¹⁴⁾ *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbricensis*, ed. de P. David e Torquato de Sousa Soares, t. II, p. 209.

⁽¹⁵⁾ . Mons. J. Augusto Ferreira, *Estudos Histórico-Litúrgicos*, Coimbra 1924, p. 323'.

⁽¹⁶⁾ (M. Martins, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga 1915'6, p. 486-490.

⁽¹⁷⁾ Conta Fr. Isidoro de Barreira que alguns dos cabelos de Santa Iria, cortados pelo abade Sélio, ficaram em Santarém e saíam todos os anos da igreja de Marvila onde estavam depositados, na procissão ordenada pela Câmara no dia da festa. J. Baptista de Castro diz que no Convento dos Carmelitas Cal-

«representam a cristalização poética do núcleo primitivo da sua biografia».

Vêm a seguir as lições do Breviário Bracarense, impresso em Braga em 1494. Aí nos aparece a lenda completamente desenvolvida até o ponto em que Britaldo encarrega o soldado de matar a donzela à espada e lançar o cadáver ao rio para ocultar o crime. Temos desde então exarados em texto litúrgico os nomes das principais personagens que intervieram no drama, e que este se desenrolou na povoação de Nabância (18).

Enfim, o famoso *Flos Sanctorum* de 1513 dá-nos «em lingoagem português» a vida de «Sancta Eyrea Virgem» com os episódios subsequentes à morte, na forma que se pode considerar definitiva (19). Foi esta que André de Resende aproveitou para o Breviário Eborense de 1548 (20), e a que se reproduziu com amplificações

çados em Lisboa havia cabelos do Menino Jesus e de Nossa Senhora... e de Santa Iria (Mapa *de Portugal*, 2.^a ed., Lisboa 1763, tomo II, pp. 201, 2-21). Em Tomar, como referem D. Rodrigo da Cunha e Fr. Isidoro, tomavam-se como relíquias «huas pedras, e seixos, que ainda agora se achão no lugar, em que foy degolada a Santa, e no rio, em que foy lançado seu corpo, com nodoas de sangue tam vermelho, e fresco, que parece auer pouco tepo, que aly se deramou» (*História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, I, cap. XXVI).

i(18) Lições reproduzidas, embora com imperfeições, em *Tomar-Santa Iria*, de V. Guimarães, pp. 108-109.—No princípio do séc. XIV já devia estar composta uma biografia de que procedem quase todas as informações. Nas lições dos breviários, talvez se possam distinguir duas redacções diversas: uma em que se atribui a morte da santa ao ano de 1053 (Bracarense e Santa Cruz), e outra em que ela se refere ao ano de 663 (S. Simão da Junqueira e Eborense). Publicamos em apêndice o officio próprio que se encontra no Breviário de S. Simão da Junqueira, impresso em 1514 a expensas do abade de Santa Eulália de Rio Covo (cf. Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, I, p. 119, n. 1), e as lições do Breviário de Santa Cruz de Coimbra, editado em 1531. Para um estudo propriamente litúrgico, seria necessário recolher mais elementos: por ex., o Breviário Carmelita, ms. da Bibl. Palatina de Parma, escrito em Lisboa entre os anos 1456-78, regista no calendário a 20 de Outubro: «Sancte Herene virginis martyris IX lectionum» (Paschalis Kallenberg, *Fontes Liturgiae Carmelitanae*, Roma 1962, pp. 1-79 e 181).

(19) *Ho Flos Sanctorum...*, fis. 242-243 do ex. da Biblioteca Nacional de Lisboa; falta a fl. 241 em que começava a biografia.

(20) Lições reeditadas em *E. S.*, XIV, p. 402, e em *Tomar — Santa Iria*, pp. 116 111118.

quase puramente verbais na biografia publicada em 1618 por Isidoro de Barreira, freire conventual da Ordem de Cristo ⁽²¹⁾.

5. OBSERVAÇÕES CRONOLÓGICAS E ONOMÁSTICAS

Quando se teriam passado estes acontecimentos ?

O Breviário Bracarense de 1494 e o Breviário de Santa Cruz de 153-1 referem a narrativa ao ano de 1053. Todavia, a data mais geralmente aceita é o ano de Cristo de 653, como consta do Breviário de S. Simão da Junqueira e do Breviário Eborense e ficou consignado no Próprio de (Lisboa).

Logo à primeira vista se afigura inverosímil que tais factos ocorressem durante o domínio muçulmano. A data que melhor convinha para explicar a substituição do nome de *Scalabis* pelo de Santa Irene parecia ser a que recai na época visigótica, sob o reinado de Recesvinto. Mas poderá também ela resistir a um pouco de reflexão crítica ?

Entre essa data e a da ocupação muçulmana mediaram apenas uns 60 anos, tempo demasiado breve para se processar um caso tão extraordinário. Além disso, como vimos, é do ano de 1066 a primeira menção da santa num calendário litúrgico. Ora, se o seu nome pertencesse ao fundo antigo do Santoral hispânico, devia figurar em Martirologios anteriores.

No ano de 858, dois monges do mosteiro de S. Germano de Paris, Usuardo e Odilardo, vieram à Espanha com o especial encargo de resgatar o corpo do mártir S. Vicente, por estar em poder dos mouros a cidade de Valência. Informados de que os cristãos já o haviam retirado, resolveram dirigir-se a Córdoba, onde esperavam obter relíquias de outros mártires. Estiveram em Barcelona, Saragoça, Córdoba e Toledo, munidos de recomendações para as respectivas autoridades religiosas, e voltaram a Paris não só com relíquias mas também com informações a respeito da cristandade hispânica.

⁽²¹⁾ *Historia da Vida o Martyrio da gloriosa Virgem Santa Eria, Portugueza nossa...* Reimpressa em Lisboa 1939.—< D. Rodrigo da Cunha refere-se a uma vida desta santa que escreveu «em livro particular Frei Duarte de Araújo, religioso da Sagrada Ordem de Cristo». Barbosa Machado dá-a como impressa em Coimbra em 1:5*97, mas não se conhece actualmente nenhum exemplar.

As notícias colhidas durante esta viagem serviram a Usuardo para completar com os santos peninsulares o seu Martirologio ⁽²²⁾.

Usuardo regista os santos Veríssimo, Máxima e Júlia como mártires de Lisboa e informa que eram irmãos. Como deixou ele de inscrever o nome de Irene, tão celebrado e tão vivo na tradição popular que teria chegado a sobrepor-se ao de uma importante cidade da Lusitânia ?

Por outro lado, segundo observa Pierre ;David, também não aparece tal santa em nenhum dos antigos calendários hispânicos, desde o calendário de Córdova de 961 até os de meados do século xi. Como vai ela surgir só agora, quatro séculos depois do martírio, e em Leão, longe do teatro dos acontecimentos, quando estão em poder dos muçulmanos as terras a sul do Mondego ?

O estudo dos nomes de pessoas e lugares, feito por um especialista, poderia projectar alguma luz sobre a génese da lenda.

Além da heroína, nomeiam-se as seguintes personagens: seus pais, Hermígio e Eugénia; as monjas Casta e Júlia, irmãs de Hermígio; o abade Sélio, irmão de Eugénia; o monge Remígio; Castinaldo e Cássia, senhores de Nabância, e seu filho Britaldo; enfim, o soldado Banão, que executou o assassínio.

Os nomes femininos pertencem ao onomástico greco-latino e, por isso, não oferecem dificuldades. Sélio (modernamente Célio) deve ser uma transposição de *Sellium*, nome de uma estação da via militar romana, tradicionalmente identificada na área de Tomar. Banão é um grosseiro anagrama de Nabão. Hermígio e Remígio, antropónimos de aparência germânica, parecem atraídos um pelo outro. Mais notória é ainda a atracção entre Castinaldo e Britaldo, compostos artificialmente com elementos germânicos e desconhecidos fora desta lenda.

Quanto aos topónimos, avultam especialmente *Nábantia* e *Scalabi Castro*, que na realidade nunca serviram para designar qualquer povoação. Por mais citados que apareçam em textos literários, falta-lhes por completo o abono de documentação propriamente toponímica.

⁽²²⁾ Zacarias Garcia Villada, *Historia Eclesiástica de España*, III, 115-117; E. S., X, pp. 357, Sill e seg.

Nabantia não passa de um produto de fantasia, baseado sobre o nome do rio Nabão. Embora seja muito moderna a toponímia científica, são muito antigas as tentativas de explicação etimológica, assim como o exercício de decompor e recompor vocábulos. Pois não vem já desde a época romana, num texto de Solino, o atribuir-se a Ulisses a fundação de *Olisipo*? Quem redigiu a biografia de onde procedem as lições de Santa Irene para os diversos Breviários simpatizava com divagações etimológicas, pois chega a explicar que o cenóbio em que a santa vivia estava situado «junto a um regato chamado Effon, que é como quem diz sem fonte» (*juxta torrentem que dicitur Effon, quasi sine fonte*). A norte é que se erguia o palácio de Castinaldo e a linda povoação chamada Nabância (*cum villa pulcherrima dicta Nabantia*).

¡Deve notar-se, entretanto, que este topónimo já estava incorporado nas tradições locais em princípios do século XIV. Os jurados de uma Inquirição realizada em 1317 informavam ter ouvido «dizer a muitos velhos e anciaes que ouuera hy huua muy noble cidade de cristaãos que auia nome Nabancia» (23). O que não se encontra é qualquer documento por onde se prove a existência real e efectiva de tal cidade (24).

O mesmo acontece com *Scalabi Castro*, que obteve ainda maior celebridade. São numerosos os textos literários que o citam, mas só esses, e todos decerto influenciados pela lenda ireniana. Além das fontes litúrgicas já apontadas, temos, por exemplo, a Vida de S. Martinho de Soure que narra a prisão deste sacerdote numa incursão dos infiéis em 1144 e a sua condução *in scalabi castri menia* (25) Também o *Chronicon Conimbricense*, em referência ao

(23) Vieira Guimarães, *Tomar — Santa Iria*, 104.

i(24) «Esta cidade tem uma parte na história completamente mitológica da fundação de Santarém, por ter sido em Nabantia que se diz sofrera Santa Irene martírio. É nisto que se baseiam os modernos escritores para confiadamente apelidarem de Nabantia a moderna cidade de Tomar, não obstante aquele nome, exclusivamente derivado do rio Nabão, ser desconhecido a todos os antigos autores» (E. Hiibner, *Noticias arqueológicas de Portugal*, Lisboa 1871, p. 53), —* Descobriram-se em Tomar os restos de uma povoação romana, que em 1882 começaram a ser explorados por arqueólogos mais presunçosos do que competentes. ¡Foi só por influência da lenda que eles os classificaram de «ruínas de Nabância» (V. Guimarães, *Tomar — Santa Iria*, pp. 52 e seg.).

1(25) *Script.*, p. 16!2.

ano de 1184, diz que Aboiac, imperador dos sarracenos, *obsedit scaíabi castrum* ⁽²⁶⁾. Na Carta do Cruzado Inglês sobre a Conquista de Lisboa em 1147, há três referências a Santarém: em duas chama-se-lhe *Castrum Scalaphium* e na outra *Sanctam Hyreneam* ⁽²⁷⁾.

Nas Crônicas do século XV, registam-se variantes em que parece obliterada a reminiscência de *Scalabis*. Conta uma delas: «Santarém amtiguamente soya de aver nome Cabelicam, e despojs se chamou per tempo Cabelicano, e despojs per continuação de tempo se chamou Cabelicastro. E despojs da morte de Santa Eyrja lhe puserom nome os Christãos Samtarem, que se comprio e derivou do nome de S.^a Eyrja que foy nela». ⁽²⁸⁾.

O citado *Flos Sanctorum* de 1513, depois de narrar como o assassino de Iria «lançou ho seu corpo no ryo de Nabam o qual o levou ao Zezere e o Zezere ao Tejo», acrescenta: «E assy foy atee o monte e lugar de Cabilicrasto que hora he dicto Santarém tomando tal nome e compoendose de Sancta Eyrea». Mais adiante refere como foi encontrado o corpo «ao pee do monte Cabilicrasto no Tejo onde agora he a capella sobre ho poço do peego de Sancta Eyrea».

Não é, pois, de estranhar a variante usada por Camões no seu poema e que alguns atribuíram a erro de imprensa:

*Scabelicastro, cujo campo ameno
Tú, claro Tejo, regas tão sereno.*

(Lus., in, 55>

6. SANTARÉM NA HISTÓRIA E NA TOPONÍMIA

Depois de tão longa digressão, encaminhem-nos para a cidade em que se imagina ressoar ainda o nome de Santa Irene. Chega-se

⁽²⁶⁾ *Scripta*, 3.

⁽²⁷⁾ *De Expugnatione Lixbonensi*, ed. C. W. David, pp. <M, 180 e 140.

⁽²⁸⁾ *Crônicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, ed. Carlos da Silva Tarouca, I, p. 75.— O lugar paralelo da *Crônica de Cinco Reis de Portugal*, ed. Magalhães Basto, I, p. 91, diz: «Santarém antigamente sola auer nome cabelicastro e depois da morte de Santa Eiria lhe poseraõ os xpaõs este nome de Santarém que se cõpos de S.^{ta} Ejria». Cf. *Chronica Breve I (Scripta, 2S)*: «santarem... e aula entam nome cabilicrasto».

quase ao mesmo tempo, isto é, pela segunda metade do século XI, quer se vá de Lisboa por terra de mouros, que se venha de Coimbra, terra cristã.

Quem se fiar na lenda, pensará talvez que este nome de Santarém anda documentado nas fontes árabes desde o tempo da conquista. Os muçulmanos teriam aqui encontrado tal designação, já implantada pelos cristãos em homenagem à santa, embora só tivessem decorrido uns 60 anos desde o seu martírio. É esta uma das muitas ideias feitas que obscurecem a história e só têm a seu favor o serem admitidas, inconscientemente, por bons autores, durante séculos.

Embora haja notícia de factos ocorridos em Santarém já no segundo quartel do século x, o mais antigo texto arábico em que se encontra esta palavra parece ser uma descrição geográfica de Espanha composta pelo escritor Al-Bakri, falecido no ano de 1094 ⁽²⁹⁾. Vem depois a de Edrici, que viajou por Espanha entre 1142 e 1147 e que, falando das províncias do Garbe antes de conquista cristã, diz que na terceira, a de Belata, os principais lugares eram Santarém e Lisboa. Santarém, segundo informa, erguia-se no cimo de alto monte, ao sul do qual se cavava um vasto precipício. Não tinha muralhas, mas aos pés do monte alongava-se um bairro à margem do rio.

A forma que aparece nesses textos é *Xantarin*. Daí conclui o Dr. José Pedro Machado que «a forma românica que os árabes aqui vieram encontrar não estaria muito afastada daquela que os Portugueses ainda hoje empregam: qualquer coisa como * Santaren» ⁽³⁰⁾.

São da mesma época as primeiras referências em textos cristãos. A mais antiga depara-se num documento do ano de 1088 em que o Conde Sesnando diz ter dado a D. Paterno, bispo de Coimbra, uma propriedade situada a sul do Mondego, na «villa Mendica», e informa que lhe corria a nascente a estrada para San-

⁽²⁹⁾ E.. Lévi — Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen — Age d'après le xKitab...*, Leiden .19318, pp. 24»6 (*xantarin*, vocalizado no texto árabe) e 24#; cf. pp. 121 e 13#.

⁽³⁰⁾ J. P. Machado, *Aspectos do Português primitivo e sua adaptação em formas toponímicas colhidas de textos arábicos*, em «Boletim M. da Soc. de Língua Portuguesa», ano XII, n.º 6 (Junho 1#6il), p. 176.

tarém: *Est ei in Oriente publica uia que ducit ad sanctaren* ⁽³¹⁾.

É verdade que se costuma aduzir um texto anterior. No ano de 985, a vendedora de um prédio situado à margem do Ave diz que recebeu do comprador determinada importância *in boue que ueno de sanctaïren*. ⁽³²⁾. Tratando-se de terras e gente do Minho, devia tornar-se suspeita esta menção. Como é que levaram um boi (não havia de ser nenhum touro de corridas...) do Ribatejo para tão longe, estando ainda a própria região de Coimbra em poder dos mouros e não havendo memória de transacções semelhantes?

Tudo se explica, sabendo-se que existia um território com o nome de Santarém nas proximidades do mesmo rio Ave. Com a data de 28 de Junho de 900, aparece efectivamente no *Liber Fidei*, de Braga, uma carta de venda de parte da vila chamada *Uiciscli*, situada *territorio Sanctaren* ⁽³³⁾. No tempo de D. Dinis, ainda sobrevivia este topónimo, hoje desaparecido, pois nas Inquirições de 1290, na verba respeitante à freguesia de Santa Maria de Vila Nova de Sande, lê-se o seguinte: «A quimtaam que chamam santarem som dous casaaes» ⁽³⁴⁾.

Parece, portanto, que deve eliminar-se do processo genealógico da cidade de Santarém aquele texto de 985 que, com o Dr. Leite de Vasconcelos, todos costumam referir-lhe, por ignorarem a existência de antigos lugares com o mesmo nome no Norte do país ⁽³⁵⁾.

⁽³¹⁾ Doc. do Livro Preto em *Dipl. et Ch.*, n.º 700, p. 410.

⁽³²⁾ Doc. do cartório de Moreira em *Dipl.*, n.º 150-, p. 94.

⁽³³⁾ Doc. pub, por EmiHo Sáez em «Revista Portuguesa de História», III, p. 174.

⁽³⁴⁾ *Vimaranis Monumenta Historica*, p. 369.

⁽³⁵⁾ Aparecem também mais tarde com a designação de Santa *Hererte*, mas é possível que os escribas os tenham deformado por influência da lenda: Ano de 1174, venda de um prédio nas actuais freg. de S. Martinho de Fareja (conc. de Fafe) e S. Miguel de Cerzedo (conc. de Guimarães), «sub montibus ex una parte louesendi et ex alia sancte herene», perto do rio Vizela (*Vimaranis Monumenta Historica*, p. 95); Ano de 1253, na freg. de S. Tiago de Castelões (V. Nova de Famalicão): «In collatione iSancti Jacobi de Castellanis (...) in sauto Sancte Herene I leira» (Avelino de J. da Costa, *O Bispo D. Pedro e a Restauração da Diocese de Braga*, II, 32); Ano de 1'253, na paróquia de S. Salvador de Ribas (Celorico de Basto): «ad Sanctam Herenam» (*Inquisitiones*, p. 568). — Há ainda outras menções toponímicas: na freg. de Baltar do Cabril (Castro ©aire), rio *Santarém* e lug. do mesmo nome; na freg. de Ser-

É só no fim do século xi que Santarém começa a ser falada nas crónicas cristãs. Perante o avanço dos almorávidas, o rei de Badajoz, Al-Mutauáquil, de quem dependiam as praças de Santarém, Lisboa, e Sintra, entregou-as espontaneamente a Afonso VI, a fim de obter o seu auxílio. O rei de Leão entrou em Santarém a 30 de Abril de 1093 e confiou o governo do respectivo distrito ao Conde Raimundo, tendo como subordinado Soeiro Mendes ⁽³⁶⁾. Parece que as referidas praças nem por isso escaparam de cair em poder dos almorávidas em 1094, mas foram recuperadas logo a seguir ⁽³⁷⁾. A 13 de Novembro de 1095, Afonso VI concedia foral aos cristãos moradores *in Sancta Herena*. Em 1097, tudo se incorporava nos domínios do Conde D. Henrique, governador da Província Portucalense. Em 1111, Santarém foi tomada por Cir, filho de Abu Becre, e ficou em poder dos muçulmanos até que D. Afonso Henriques fez a sua reconquista definitiva em 15 de Março de 1147.

Pouco depois, o rei doou aos Templários o eclesiástico de Santarém, e no respectivo diploma escreve-se de dois modos o nome da cidade. Fala-se primeiro em *castellum quod dicitur Sanctarem*, e faz-se depois a doação *de omni ecclesiastico Sanctae Herenae* ⁽³⁸⁾. Esta diversidade no mesmo documento mostra, a meu ver, que não podemos ater-nos demasiado à forma gráfica para determinar a etimologia do topónimo.

Na documentação avulsa, nas crónicas e nas fontes narrativas, também o nome de Santarém aparece grafado, ora em forma una: *San(c)tarem*, *San(c)taren*, *San(c)tarena*, ora em forma dupla: *Sancta Herene*, *Sancta Herena*. Não parece duvidoso que os escribas tinham em mente o nome da santa, mesmo quando usavam a forma una, pois muitas vezes escreviam o c antes do t. Creio, todavia, que logo nos séculos XI e XII a palavra se pronunciava exactamente como agora.

zedo (V. Nova de Gaia), o sítio de *Santarém*; na freg. da Gafanhoeira (Arraiolos), lug. de *Santarém*; na freg. do Olival (V. Nova de Ourém), lug. de *Santarém dos Tojos*, etc.; em Espanha, *Santarén de los Peces* na prov. de Samora *Santa Irene* na Corunha, *Santarena* em Bilbao.

⁽³⁶⁾ L. Gonzaga de Azevedo, *História de Portugal*, III, p. 3-6.

⁽³⁷⁾ Id., *ibid.*, p. 159.

⁽³⁸⁾ D. AT. P. *Régios*, n.º 221 (Abril 1147), p. 272.

7. O NOME E O CULTO DE SANTA IRENE

Vejamos, entretanto, algumas particularidades relativas ao nome da santa e à evolução do seu culto.

Irene, ou *Eirene*, é transcrição latina de uma palavra grega que quer dizer «paz». Tinha este nome uma das irmãs do papa S. Dámaso, falecida durante o seu pontificado (366-384) e para cujo sepulcro, na via Ardeatina, ele compôs uma inscrição métrica, que começa por estes versos ⁽³⁹⁾ :

*Hoc tumulo sacrata Deo nunc membra quiescunt
Hic soror est Damasi nomen si quaeris Irene.*

Não tem faltado quem a considere santa e portuguesa...

A mártir que Pierre David supõe haver sido venerada pelos cristãos de *Scalabis* é a que padeceu em Tessalonica, no Oriente, em tempos de Diocleciano. Memora-a nestes termos o Martirológio de Beda (f 735), a 5 de Abril: «In Thessalonica, natale *Irenes* quae post tolerantiam carceris, inter orationes sagitta percussa est a Sisinnio comite: sub quo et sonores eius Agape et Chionia martyrizerunt». Outros textos apresentam o nome com variantes: *Irene*, *Herena*, *Hírenes*⁽⁴⁰⁾.

Na sua crítica ao livro de Pierre David, escreveu o sábio bolandista Baudoin de Gaiffier: «Le paragraphe consacré à Ste. Irène de Sanctarem (20 octobre) réserve une surprise. La sainte est identifiée avec la martyre du groupe Agape, Irène et Chionia, dont l'anniversaire tombe le 3 avril. 'Rien, si ce n'est l'homonymie, n'autorise cette affirmation» ⁽⁴¹⁾.

⁽³⁹⁾ Orazio Marucchi, *Epigraffa Cristiana*, Milano 1910, p. 377. iCf. Hippolyte Delehaye, *Sanctus*, Bruxelas 1927, pp. 141-142i

⁽⁴⁰⁾ Dom H. Quentin, *Les Martyrologes Historiques du Moyen Age*, P- 59. — Cf. *Actas selectas de Mártires*, trad. do P. Baudilio Luis Ruiz, beneditino de Silos, Edic. Aspas, Madrid, p. 136-144; Renié Aigrain, *L'Hagiographie*, p. 215.—A /18 de Setembro o Martirológio Romano regista «sanctarum martyrium Sophiae et Irenes». Trata-se, segundo H. Delehaye, de personificações sugeridas pelas invocações das duas grandes igrejas de Constantinopla (*Sanctus*, p. 211).

⁽⁴¹⁾ *Hagiographie Hispanique*, em «Analecta ÍBollandiana», LXVI (1948), p. 307.

Está certo o comentário. Todavia, a hipótese de P. David pode dar-nos uma indicação bastante aproveitável. Desconhecido na Península durante muitos séculos, pois não o encontramos nas inscrições cristãs nem noutros documentos, o nome de Irene deve ter-se introduzido com o culto dessas três santas orientais. Aparecem elas a 1 de Abril, juntamente com S. Gorgónio, em alguns calendários hispânicos: Ss. *Gorgonii, Agape, Cionie et Erene trium sororum* (42). Ora estes calendários datam de meados do século xi, isto é, são contemporâneos do calendário leonés em que se regista a nossa Santa Irene, Parece, pois, muito provável, se não quase certo, que daí veio uma sugestão para a etimologia popular de Santarém.

Em latim, os nossos textos apresentam as seguintes variantes do nome da santa : *Erene* ou *Erena*, *Herene* ou *Herena*, *Irene* ou *Irena*. Em português, aparece em 1257 *Eyrena* (43) e desde princípios do século xiv: *Eyrea* e *Eyria*, *Eirea*, *Eiria* e *Iria*.

Não há memória de nenhum templo que lhe estivesse dedicado antes da ocupação cristã. Em Tomar, os jurados da Inquirição de 13*17 só declaram que, segundo tinham ouvido dizer a «muitos e bons», vinham do «tempo antigo» duas igrejas: «hua a nome san Fiic (Fins) e a outra santa Eyrea». A que lhe ergueram em Santarém devia ser anterior e não tardou a ter a categoria de paroquial.

Há notícia de que no ano de 1162 morreu Garcia Mendes, clérigo de Santa *Eirea*, e em 1214 D. João Peres, Prior da mesma igreja (44). Em 1251 o prior era Pedro *Pelazio* (45), e em 1288 o reitor foi um dos que subscreveram a petição endereçada a Nicolau IV para ins-

(42) Calendário de Silos, ano 1052; Calendário de Albelda, ano 1067; Santoral de Cardena, apêndice do séc. XI. Cf. J. Vives, *Santoral visigodo*, em «Analecta Sacra Tarraconensia», XIV (1941), p. 31 e s.; *Manual de Cronologia Española y Universal*, Madrid 1942, p. 36. — O livro das Calendas da Sé de Coimbra, depois de registar a 3 de Abril as santas Agape e Chionia, inscreve no dia 5: «Tessalonice natale sanóte Hirenes uirginis que post tolerantiam carceris sagitta percussa est a Sisignio comite».

(43) Os «açougues de Sanctaren que avernos en seserigo na freygisia de Sancta Eyrena» (*Livro de D. João de Portel*, doc. XXXIX, p. 46).

(44) Informação obsequiosa do Dr. Ruy de Azevedo, segundo doc. da Colegiada de Santa Maria da Alcáçova de Santarém; cf. *História da Expansão*, I, p. 49.

(45) *Documentos para a História da Cidade de Lisboa, Cabido da Sé...*, ed. da C. M. L. 1954, p. 80.

tuição da Universidade em Lisboa. As rendas desta igreja foram anexadas ao cabido de Santa Maria da Alcáçova pelo bispo D. João Martins de Soalhães (1294-1313). «e mestre Joam das Leis por comissão do dito bispo assinou ao vigário de S. Eyria 150 libras» (46). É este, na verdade, o rendimento que se lhe atribui em 1321 (47).

Vem agora a propósito o milagre com que teria sido favorecida a Rainha Santa Isabel, quando quis venerar o sepulcro de Santa Iria, na Ribeira de Santarém. D. Rodrigo da Cunha conservou-nos cópia do documento em que se baseiam todas as narrativas. É uma doação feita por D. Berengária Aires às monjas de Almoester, com o encargo de certa pensão «aos crelhos, ca cantarem as missas em Santarém no dia do refestelo da bemaumentada martele santa Eyria, quando em casa del Rey D. Denis, a de minha senhora a Raynha sa molher, fixo Déos a grande marauilha, quando se arrumarem as agoas do Tejo, e se vio secamente o seu moimento, ca se não pode amanhar com ferramenta, hu agora he o malhom» (48).

Caso muito simples, como se vê: ficar em seco, à margem do Tejo, o rochedo que se tomou como túmulo da santa. Pois daí se originou nova fase da lenda. A rainha teria pedido a Deus que lhe mostrasse o sepulcro e imediatamente as águas se afastaram, como outrora as do Mar Vermelho à vara de Moisés. Entrou ela, com o esposo e a corte, pelo álveo do rio e quis abrir a jazida, mas as ferramentas dos artistas não faziam moça no mármore. D. Dinis mandou então erguer à pressa sobre o túmulo um pedestal de alve-

(46) *Documentos* cit., p. 325; «Joanne Afonso raçoeiro de Santa Eyrea de Santarém», *ibid.*, p. 3>22.

(47) Catálogo das Igrejas em Portugal, Fortunato do Almeida, *Hist. da Ié. eoi Portugal*, II, 682. — Com a mesma invocação temos modernamente no distrito de Lisboa a Igreja paroquial de Santa Iria de Azoia (conc. de Louros) e a da Póvoa de Santa Iria (conc. de Vila Franca do Xira), desanexada da anterior em 19*16. No Alentejo, houve uma freg. de Santa Iria que se uniu à do S. Salvador de Serpa. Em Trás-os-Montes, tem por padroeira Santa Iria a freg. de Valoura (Vila Pouca de Aguiar). No Minho, há o lugar de Santa Iria na freg. de iDoçãos (Vila Verde). Na freg. de Sobrâdelo da Goma (Póvoa de Lanhoso), havia em 1842 a tradição de que a igreja estivera a princípio num lugar chamado Santa Iria de Sobrâdelo (Vim. Mon. *Hist.*, p. 331, n. 1).

(48) *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, II, cap. 82. — O doc. apresenta a data, manifestamente errada, de 12 de Fevereiro de 1225.

nana, como padrão daquela maravilha. Todos se retiraram depois, e as águas tornaram a juntar-se ⁽⁴⁹⁾.

No ano de 1644, a Câmara de Santarém revestiu de cantaria o pedestal e deu-lhe como remate uma imagem da santa. Ainda existe esse padrão, agora quase sempre em seco e a funcionar como hidrómetro por ocasião das cheias. Liga-o à lenda a seguinte inscrição ⁽⁵⁰⁾ :

HIC TAGUS TRENÆ SACRO TEGIT OSSA ISEFULGHRO
 QUAE UT VIRGO MARTYR FULGET IN ARCE POLI
 HAEC PATRIAM LINQUENS NOSTRAE DAT CORPORE NOMEN
 EFFIGIEM CUIUS ISTA COLUMNA TENET.

8. UM FALSO HAGIOTOPÓNIMO

(Nesta altura da nossa exposição, parece bem justificada uma dúvida: — Será verdade que o nome de Santarém provém de Santa Irene ? Ou não se terá inventado esta santa para explicar o nome da cidade ?

De par com as deformações fonéticas dos nomes de santos convertidos em topónimos, há uma espécie de cilada hagiográfica produzida pela homofonia da sílaba inicial de certos nomes de lugar com a da palavra *santo*. Este pormenor tem sido bem estudado na toponímia de vários países latinos. Entre nós, já o Prof. J. M. Píei chamou a atenção para os «pseudo-hagiónimos, que têm a sua origem em topónimos que acidentalmente principiam pela sílaba san- ou *sant-*, sem etimologicamente se relacionarem com *sanctus*». Cita, entre outros, *São Jomil* que está pelo genitivo do nome visigótico *Sangimirus*, e *São Jozenda* «que representa sem dúvida um

⁽⁴⁹⁾ ' Zephyrino Brandão, *Monumentos e Lendas de Santarém*, Lisboa 1883, p. 626.

⁽⁵⁰⁾ Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, v. «Nabancia». Tradução: «Aqui o Tejo guarda em sepulcro sagrado os restos de Irene, que como virgem e mártir brilha nos altos céus. Deixando a sua terra, deu ela à nossa o corpo e o nome. Sobre esta coluna se ergue a sua imagem».

⁽⁵¹⁾ Joseph M. Píei. *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular*, p. 9; *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, n.º 856, 858, 1198. O Autor prometeu um estudo à parte sobre os pseudo-hagiotopónimos, mas não temos conhecimento da publicação.

nome feminino * *Sungi-sinda*»- Numa inquirição realizada em L220 na região de Aveiro, também se nos deparou um extravagante *sancto Galios* como interpretação notarial do topónimo *Sangalhos* ⁽⁵²⁾.

Se os filólogos não consideraram até agora o caso de Santarém, foi porque esta dúvida se não levantou há mais tempo. Sem pretendermos invadir o âmbito da sua competencia, poderemos, todavia, aduzir algumas observações.

Note-se, em primeiro lugar, a impossibilidade de provar historicamente a existência da santa de Nabância. É inverosímil qualquer das datas que se atribuem ao seu martírio, e é omissa toda a documentação até meados do século XI. Por outro lado, não há qualquer notícia de se haver aqui dedicado um templo à santa de Tessalonica, e também não aparece a sua festa nos mais antigos calendários hispânicos, sinal de que se não introduziu antes da invasão muçulmana.

Os próprios termos da inserção martirológica do calendário leones em 1066 mostram claramente que se tomou como hagiónimo o nome da terra (*Sancte Erene*), e por isso se adoptou para esta um topónimo de fantasia (*Scallabi Castro*)• O caso seria ainda possível alguns séculos depois. Basta lembrarmos a transcrição sónica de nomes portugueses feita por Froissait nas suas Crónicas: Aljubarrota é *Juberot* e Santarém é *Saint-Yrain...* ⁽⁵³⁾.

Ao contrário do que geralmente se pensa, não consta que Santa Iria fosse primitivamente padroeira de Santarém, nem que lá tivesse igreja ou ermida antes da ocupação cristã. Como vimos, D. Afonso Henriques, logo no mês seguinte ao da conquista, em 1147, doou aos Templários o eclesiástico de Santarém. Sete anos depois, em 1154, tinham eles edificado a igreja de Santa Maria da Alcáçova.

⁽⁵²⁾ *Milenário de Aveiro — Colectânea de Documentos Históricas*, I, p. 65.

⁽⁵³⁾ A propósito do cemitério de Santa Iria, em Vila Real, recebi do P.® Henrique Maria dos Santos esta curiosíssima informação: — Não existe, por aqui, qualquer tradição ou romance referente a Santa Iria. O nome da santa apareceu nesta cidade apenas para baptizar o local onde se construiu um novo cemitério e que desde tempos imemoriais era denominado pelo vulgo *centeiria*, aludindo a que nele se cultivava centeio. Em virtude desta nomenclatura, o presidente da Câmara pro *tempore* resolveu dedicar a capela a Santa Iria e assim denominar o referido cemitério. A imagem que ali se venera foi adquirida por mim e representa essa donzela mártir de Nabância...

D. Gilberto, bispo de Lisboa, não concordou com a doação, e por isso, em 1159, o rei compensou os cavaleiros com o castelo de Ceras (Tomar). O bispo deixou-lhes, no entanto, «illa Ecclesia S. Jacobi de Santarém, quae est in suburbio de Sesezigo, cum omni Parrochia sua, liberam ab omni Episcopali debito»⁽⁵⁴⁾.

É provável que se fundassem pelo mesmo tempo outras igrejas na cidade, mas as primeiras mencionadas em documentos são essas duas: a de Santa Maria da Alcáçova e a de S. Tiago. Esta situava-se na zona de *Sesezigo*, ao cimo da Ribeira de Santarém, onde pouco depois encontramos também a de Santa Iria. Deus sabe até que ponto a troca das igrejas de Santarém pelas de Tomar, na posse dos Templários, terá contribuído para se ampliar a lenda hagiográfica, de modo que nela se celebrassem ambas as povoações⁽⁵⁵⁾. O certo é que não havia nem há nenhum templo de Santa Iria no principal núcleo da cidade da qual se pretende tenha sido ela a epónimo, e a própria zona suburbana, perto do seu túmulo, era então conhecida por esse estranho nome de *Sesezigo*.

Enfim, uma observação filológica acessível a todos. Se *Irene* evoluiu em *Iria*, surpreende que *Santarene* ou *Santarena* não evoluísse em **Santeiria*, **Santiria*, ou não apresentasse ao menos estas variantes a comprovar a relação com o hagiónimo no sentimento linguístico do povo. O caso é ainda mais estranhável pela proximidade de *Leiria*, que nas mesmas fontes documentais aparece com as formas *Leirene*, *Leirena* e *Leirea*. Como já salientámos, quer a forma arábica *Xantarin*, quer as dos nossos mais antigos documen-

⁽⁵⁴⁾ Viterbo, *Elucidário*, v. «Tempreiros».

⁽⁵⁵⁾ Sucedendo aos Templários, a Ordem de Cristo não descurou a difusão do culbo de Santa Iria. Diz Fr. Francisco Brandão que o Infante D. Henrique deu às ilhas dos Açores nomes dependentes da Ordem, de que era governador, ou de sua devoção particular. Uma delas era «Santa Eyria, por ser esta Santa Martyr natural da vila de Tomar cabeça da mesma Ordem» (*Monarquia Lusitana*, 6.^a parte, liv. XIX, cap. XIV). Efectivamente, no seu testamento o Infante diz que ordenou e estabeleceu, além de outras, ca Igreja de sancta eyrea na Ilha de santa eyreea». Esta designação aparece em outros documentos do ano de 1460 (J. M. da Silva Marques, *Descobrimentos Portugueses*, I, p. 590, 583, 593). Trata-se da ilha do Corvo, mas, segundo boa crítica histórica, é quase certo que o testamento se não refere a igrejas já construídas (M. Velho Arruda, em *Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, Ponta Delgada 1-932, pág. XCI). Como a igreja de Santa Iria não chegou a edificar-se, a inwoação não prevaleceu.

tos em latim, mostram que o topónimo estava definitivamente fixado por fins do século XI, e o som da sílaba medial (-*ta-*) era o mesmo de hoje.

Resumindo quanto fica exposto, poderemos enunciar estas proposições:

1. ^a A cidade luso-romana de *Scalabis* deixa de estar documentada desde começos do século VII e não há elementos para a identificar com Santarém, que só avulta na história em fins do século xi.
2. ^a *Scalabícastro* e *Nabância* são topónimos de fantasia erudita, que nunca serviram para designar qualquer povoação no uso corrente e popular.
3. ^a *Santarém* é um falso hagiotopónimo, cuja etimologia tradicional os filólogos têm aceiteado irreflectidamente, por deficiência de investigação histórica.
4. ^a Não há documentos que provem a existência de uma santa com o nome de *Irene* ou *Iria* na região de Santarém, nem a de um templo aí dedicado à mártir oriental. Tudo parece indicar que a introdução de tal santa no calendário leonés resultou de uma errada interpretação do nome da cidade, influenciada pelo nome da mártir de Salónica.

Afastada assim com argumentos de ordem histórica a explicação tradicional, será necessário investigar de novo a etimologia de Santarém. Como cada ciência tem o seu método próprio, deixamos aos cultores da toponímia o estudo deste problema, que talvez admita várias possibilidades de solução ⁽⁵⁶⁾. É este, muitas vezes, o caminho mais seguro para devassar o mistério das origens.

(56) Para os lugares de *Santarém* no norte do país, ocorreu-nos uma possível origem germânica, por comparação com outros estudados por Joseph M. Pici: *Gonde, Gondão, Gondairo, Gondar, Gondim, Gondarém*, que também admitem a variante -*nt-* (V. Os *nomes germânicos* cit.). A série *Sande, Santão, Santeiro, Santar, Sandim*, até parecia postular *Santarém*. (Um destes topónimos apareceu na freg. de Santa Maria de Sande). Verificámos depois que o mesmo nome germânico **Sandaredus (Sandaredi, Santaredi, Santarei, Santarém)* tinha lembrado ao autor de alguns artigos da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (XXVII, 36, XXVIII, 205, XXXIX, -173. Consultado sobre o assunto, o P.º D, A. Moreira, autor do notável trabalho *Etimologia de «Portugais* (Porto ISI&I), admite esta explicação para os topónimos nortenhos, embora lhe não pareça de acentuada evidência para a cidade de Santarém. Para esta

9. NOVA HIPÓTESE

No caso de se confirmar que Santarém e Seserigo, como sugerimos em nota, são topónimos de origem germanica, abrem-se efectivamente novas perspectivas à investigação histórica.

Ilogo desde o próprio século da ocupação muçulmana, as margens do Tejo constituíram um objectivo para as armas cristãs. No ano de 798, o rei Afonso II, o Casto, trouxe até Lisboa o seu exército e devastou a cidade, fazendo muitos cativos e colhendo despojos que enviou para França a Carlos Magno ⁽⁵⁷⁾.

Estava, porém, reservado a Afonso III, o Magno, empreender as campanhas que permitiram incorporar na monarquia cristã uma parte considerável do actual território português, restaurar muitas cidades e realizar um largo plano de colonização com elementos asturianos e moçárabes. Essa acção desenvolveu-se por quase todo o seu longo reinado (866-910) e foi favorecida pelas dissensões que minavam interiormente o emirato de Córdova.

'Revoltados contra Mohâmede I (852-886), alguns chefes muçulmanos entraram em entendimento com os cristãos. Teve especial importância a sublevação iniciada em 874 por Ibne Maruão, na

chegou a levantar outra hipótese, por ter encontrado no *Lexicón Totius Latinitatis* vol. VI (de A. Forcellini, Pádua 1940) o termo *Santar-ensis*, não só arcaico mas também ligado às coisas da Península: «ut *Santárense* metallum in Hispania Baetica, ap. Plin. 34, *Hist. Nat.*, 17, 49».

•Deve dizer-se que a principal dificuldade aduzida contra a hipótese germânica era a raridade dos topónimos dessa origem no sul do país. Sucede, todavia, que o germanismo de Santarém tem a apoiá-lo a designação antiga do seu mais próximo subúrbio — *Seserigo*. Sem se abonarem com nenhum texto, alguns lexicólogos tomam esta palavra como nome comum e dão-lhe o significado de *planície* ou *chapada*. É o castigo de se apropriarem de um dos passos infelizes de Viterbo, que no *Elucidário* tinha relacionado gratuitamente *Seserigo* com *séssega*. Trata-se, porém, de um nome ainda existente na toponímia transmontana (freg. de Codeçoso, conc. de Boticas) e cuja origem germânica foi já assinalada nos citados estudos do Dr. Joseph M. Piel (n.º 1258).

⁽⁵⁷⁾ E. S., XIV, p. H9'6 e X, p. 571: *Hadeionsus Rex Galliciae et Asturiae, praedata Olysiopona ultima Hispaniae* ¹*Civitate, insignia victoriae suae loricas mulos, captivosque Mauros, Domno Regi Carolo per Legatos suos Froiam et Basiliscum hiemis tempore misit* (Anales Bertinianos).

região de Mérida. ;Embora se malograssem as primeiras tentativas, o célebre aventureiro, conhecido pelo apodo de *Al-Gilliqui*, «o filho do galego», conseguiu estabelecer-se em Badajoz e dominar as terras para Ocidente. Graças à aliança com Afonso III, que lhe atraiu o apoio dos moçárabes, resistiu aos exércitos de Córdova e transformou a cidade num baluarte cuja independência os seus sucessores mantiveram até o ano de 930.

No sul, revoltou-se por sua vez, cerca do ano de 880, Ornar Ibne Hafçune que também obteve a colaboração de elementos moçárabes e muladis e chegou a declarar-se abertamente cristão, tomando o nome de Samuel. Morreu ele pelo ano de 917, mas os filhos continuaram a resistência na Andaluzia por mais 11 anos, pois a fortaleza de Bobastro só se rendeu em 928.

A redução definitiva desses núcleos rebeldes foi obra de Abderramão III (912-961), audacioso guerreiro e hábil político, que em seguida se proclamou califa. Ora, entre a tomada de Bobastro e a de Badajoz, colocam os historiadores árabes a ocupação das praças de Mérida, Beja e *Santarém*, no ano de 929. ;É a data mais antiga a que se reportam notícias desta última povoação ⁽⁵⁸⁾.

Outra referência aparece poucos anos depois. Contam os cronistas árabes que, em consequência de um delito que provocou a sua ira, Abderramão III mandou matar o vizir Ahmede ben Ishak. «Este vizir tinha um irmão, chamado Umaiya, que residia em *Santarém*, cidade que fazia parte das Marcas de al-Andaluz. Tendo sabido da sorte do irmão, revoltou-se ele contra Abderramão e passou ao partido de Rudmir (Ramiro II), rei dos Galegos, a quem prestou auxílio contra os Muçulmanos e forneceu informações sobre os pontos fracos da sua linha de defesa. Algum tempo depois, Umaiya saiu da sua cidade, para se dirigir, numa caçada, a um dos seus pavilhões de recreio. Durante a ausência, um dos seus oficiais apoderou-se da cidade, proibiu-lhe o acesso e comunicou o caso a Abderramão III. Umaiya ben Ishak, o irmão do vizir assassinado, dirigiu-se então para junto de Rudmir, que lhe deu bom acolhimento, o nomeou ministro e o admitiu entre a gente do seu séquito». Na batalha de Alhándega, em 939, ainda ele desempenhou relevante

(58) iisidro de las Cagigas, *Los Mozarabes*, tomo II, p. 313; Madrid 1948.

papel, mas depois voltou ao serviço do califa e chegou a organizar expedições contra os cristãos ⁽⁵⁹⁾.

Situam-se, portanto, entre os anos de 929 e 939 as primeiras notícias que conhecemos de Santarém, referenciadas na historiografia árabe. Segue-se um eclipse de século e meio, até que a cidade reaparece, ainda dependente de Badajoz como outras do Ocidente muçulmano, em lutas ou negociações entre cristãos e infiéis.

Se o nome é de origem germânica, quando é que lhe teria sido imposto? Para os topónimos do Norte do país não se remonta em geral à época visigótica, pois quase todos se explicam pelo repovoamento operado na Reconquista com elementos neogóticos ⁽⁶⁰⁾.

(Tomada a cidade do Porto pelo Conde Vímara Peres em 868, ficou assegurado a Norte do Douro o domínio dos cristãos e pôde empreender-se o avanço para Leste e Sul. Pelo ano de 880, estavam restauradas e repovoadas as cidades de Braga, Porto, Chaves, Coimbra, Viseu e Lamego. Afonso III levou, porém, muito mais longe a sua acção. Aproveitando, como se disse, o enfraquecimento do emirato de Córdoba e a colaboração de alguns chefes rebeldes, pôde passear as suas armas pelas regiões de Coria, Egitânia e Mérida, até aos confins da Lusitânia ⁽⁶¹⁾. Afirma-se até expressamente que a sua obra de repovoamento chegou às margens do Tejo: *usque ad Humen Tagum populando producitur* ⁽⁶²⁾).

Em nenhuma outra zona se encontram melhores condições do que na de Santarém para se verificar à letra semelhante informação. Era nas vizinhanças desta cidade que se aproximava do Tejo a estrada romana de Braga a Lisboa, caminho forçado das incursões providas do Norte, e era dali que partia outra via em direcção a Mérida. Não é provável que o aludido repovoamento se fizesse mais para Nascente, porque, para além do curso do Zêzere, ficava o tradicional distrito de Egitânia em que a obra de Afonso III, como rezam as Crónicas, foi de destruição, e não de colonização.

⁽⁵⁹⁾ E. Lé vi-Provençal, *La Péninsule Ibétique au Moyen-Age* cit., pp. 112*1-112*2; cf. L. Gonzaga de Azevedo, *História de Portugal*, II, pp. 917

⁽⁶⁰⁾ Alberto Sampaio, *As Vilas do Norte de Portugal*, em *Estudos históricos e económicos*, I, pp. 53 e ss., Porto .H9)23.

⁽⁶¹⁾ *Chronica Gothorum*, em *Script.*, p. 9; *Chron. Albeldense*, em *E. S.*, XlIII, pp. 4154 e 4155.

<⁽⁶²⁾ *Chron. de Sampiro*, em *E. S.*, XIV, p. 454.

iparece, pois, bastante admissível que os topónimos Santarém e Seseirgo, sendo de origem germânica, se relacionem com os sucessos da época de Afonso III e resultem da fixação de colonos do Norte, que puderam manter-se ali, como em Coimbra, através das vicissitudes de campanhas ulteriores.

À margem do tema principal do nosso trabalho, apraz-nos apresentar esta hipótese construtiva, não tanto para compensar de algum modo a capital do Ribatejo pela perda de Santa Iria, como porque, na verdade, cremos ser conveniente aprofundar o estudo das relações entre cristãos e muçulmanos na época de Afonso III, pois é aí que se devem perder, ou achar, as origens de Santarém.

APÊNDICE

I

Ofício do Breviário de S. Simão da Junqueira (1514)

In natale Sancte Herene virginis et martiris

Ad Vesperas.

Super psalmos aña. In Herene 'leta memoria, laudet Christum mater Ecclesia. Adiuuante eius clementia, vicit mundum, carnem, demonia. Plaudat tota celestis curia, hanc consortem habens in gloria. *Psalmi feriales.*

Capitulum. Qui gloriatur in 'Domino, v. Diffusa est gratia.

Ad Magn. aña. Absoluto carnali vinculo, scandit celum carens obstaculo, sariatur vitali pabulo.

Oratio. Beate Herene virginis et martiris tue solemnitate venerandam, quaesumus, Domine, Ecclesia tua devota suscipiat, et fiat magne glorificationis amore devotior, et tante fidei proficiat exemplo. Per.

Invitatorium. Laudes, Ecclesia, Christo multiplica, p. Herene gaudia qui dedit cética, ps. Venite exultemus.

In j. noc. aña. Feminarum quodam cenobio iunctum Nabam quod heret fluvio sancte fuit habitatio, ps. Domine, dominus noster, aña. Precum instans semel post anni circulum sancti 'Petri cum alijs insultabat oraculum, ps. Celi, enar. aña. Preces crebro fletui iciunans iungebat et carnem spiritui servire cogebat. ps. Domini est ter. v. Diffusa est.

Lectio I. Tempore quo nobilissimus atque christianissimus Castinaldus, vir nobilis Cassie, principaretur apud Nabanciam, Herena sancta virgo ac monialis pulcherrima d.c.liij. ab incarnatione Domini nostri Ihesu Christi, cuius fides iam sparsa, longe lateque firmiter tenebatur.

R. Herena vas repletum gratia, falsa mundi contempsit gaudia, p. Expedite currens ad premia sine carentia, v. In agone stans, Christi famula a se cuncta pellit obstacula, p. Expedite.

II. Beata igitur Herena nobilissima fuit progenie, sed virtutibus nobilior. Nam ab infantia sua Dei gratia repleta, divinis semper inherebat studijs. Hec virgo erat pudica, pia, simplex, humilis, ieiunatrix, et exoratrix, nimium in sanctis lectionibus studiosa, et in omni 'Dei servicio et genitricis eius omniumque sanctorum devotissime permanebat.

R. Adolescens Britaldus nomine admiranda pre pulcritudine infirmatur p. Defixo lumine in sancta virgine, v. Medelle penitus hic opem perdidit amor illicitus quem egrum reddidit, p. Defixo.

III. Remigius namque religiosus et doctissimus monachus, eam tam litteras quam mores docuerat, sub gratia nobilium parentum suorum Hermigij et Eugénie nomine et domni abbatis Selij, qui frater Eugenie matris ipsius virginis extitit, et in cenobio magno Beate Virginis Marie degebat, in loco parum concavo cum Xiiij. scapularis monachis iuxta torrentem qui dicitur Effom, vel qui fit sine fonte, et sinuose labens in Nabam ibi descendit.

R. «Sunt parentes tristes ob filium, sed qui promptus est ad auxilium, iuvat 'Christus, p. Sic reddit gaudium in mentes tristem, v. Morbum sancta noscit divinitus, tantus eger fit sanus penitus, p. Sic. v. Gloria.

In. ij. noct. añã. Temptatur Remigius qui sanctam instruxerat, et dius ardentius amplexus desiderat, ps. Eructavit, añã. Pudor propulsatur, Venus hunc stuat, sanctam deprecatur sibi quod annuat, ps. Deus noster, añã. Nunc minis alloquitur nunc illi blanditur, minis non frangitur nec blandis molitur. ps. Magnus Dominus, v. Specie tua et pul.

IV. Super hoc autem cenobium versus aquilonem in loco plano et eminentiori, erant predicti Castinaldi palada, cum villa pulcherrima dicta Nabancia, a fluvio distante iactu lapidis uno vel minus. Sub villa ista super Nabam sancta vivebat Herena, cum devotissimis Deo monialibus, quarum due sorores patris eius erant, scilicet dona Casta et Iulia, que ibi postea fuerant sepulte pariter in singulis lapideis monumentis.

R. Herbe succus in potum traditur, cuius haustu non virgo concipitur p. Sub re falsa dum verum creditur, v. Actor mali verum hoc asserit, virginalis sic fama deperit, p. Sub.

V. Ad honorem quarum edificatum est opus parvum et pulchrum in modum arcuate domus, intus et foris quadratum, super ipsarum monumenta. Quod opus coram se habuit quasi domum quadratam et in medio eius pavi-

mento coligebatur aqua munda, que a longe veniebat subtus terram per canales, ut esset melior, frigidior et sanior utentibus eam.

R. In virginem surgunt opprobria: devitantur eius eloquia, p. Nam placebant cunctis iudicia quod fuisset hominis conscia, *v.* Virgo viri prorsus incognita secum mirans fit valde territa, p. Nam placebant cunctis.

VI. Per circuitum vero ipsius fontis, monialium claustra erant valde decora. Sancta vero Herena ex claustro proprio consueverat semel in anno in festo beati Petri cum ceteris monialibus orandi causa pergere ad ecclesiam beati Apostoli, que iuxta 'Castinaldi palacia erat edificata, laudabili opere decorata, et plena sanctorum reliquiis, ad quam vir nobilissimus Castinaldus cum militibus suis et aliis gentibus, ut divina officia audiret, pene quotidie veniebat.

R. Hoc Britaldum factum non latitat, rursus illum Venus exagitat, p. Et nunc minis virginem concitat, nunc blandis fatigat, *v.* Ignem fovens illicitum, sancte cupit concubitum, p. Et. *v.* Gloria Patri.

In iij. noct. añã. IA Britaldo monialis necat quidam miles sanctam prorsus coitus nolentem viriles, ps. (Cantate .i. añã. In Ozecarum fluvium et de Nabam corpusculus ex hoc transit in alium cui Tagus est vocabulum, ps. Dominus regnavit, añã. Hic miles et Remigius Romam vadunt celerius, ubi sub penitentia migrant iuvante gratia, ps. Cantate .ii. *v.* Aduvabit.

Secundum Matheum. In illo tempore dixit Ihesus d. s. parabolam hanc. Simile est regnum celorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit, et pre gaudio illius vadit et vendit universa que habet, et emit agrum illum. Et reliqua.

Homelia item de historia sua.

VII. Hic autem princeps habebat unicum filium Britaldum nomine, probum, alacrum, speciosissimum. Qui audiens Herene sancte pulcritudinem, et in casu semel cum vidisset eam in ecclesia, angustiarum cepit fortiter in amore eius, et tantum ob divinum timorem et parentum suorum, domni Seli reverentiam non ausus vim amoris sui detegere, iacendo amore amantium egrotavit.

R. Sancte sue non patitur ultra Deus opprobria, verum latens ostenditur, propulsatur infamia, p. ISic sepulta laus nascitur, sepelitur fallacia, *v.* Quid fuisset actum de virgine novit abbas divino flamine, p. Sic sepulta.

VIII. De cuius egritudine Castinaldus et Cassia parentes eius nimium condolentes cum universa curia, medicos ad sanandum eum venire faciebant, qui diversas proferebant morbi causas, sed morbum non perpendentes, nullum penitus egritudini eius poterant dare remedium.

R. Locum ostensum celitus abbas deprecatur concitus, p. Ubi corpus a populo repertum est cum tumulo, *v.* Sanctitatem propalat virginis solum siccum in aquis fluminis, p. Ubi.

IX. Hanc autem egritudinem divina inspiratione ut sancta cognovit Herena, statim causa pietatis et humanitatis perrexit illuc. Et ad illum ingrediens, exclusis omnibus a palacio, sola solum humiliter ac divinitus sic affa-

Am

P. Miguel de Oliveira

tur: Frater mi, hec infirmitas non est ad mortem, sed Dei miseratione salutem consequeris, si ea que oculi tui ad damnum concupierunt ultro dimittas.

R. Dum meflota contactis crinibus datur salus cunctis languentibus, p. Ihesu clemens, Herene precibus nos coniunge supernis civibus, *v.* Per quam cecis restauras lumina, nobis cuncta relaxa crimina, p. Ihesu clemens. *v.* Gloria Patri.

Te 'Deum 'laudamus.

IN LAUDIBUS

Añã. (Adest dies gaudio multiplici plena, in qua celi solio locatur Herena. ps. Dominus regnavit, cum reliquis.

Añã. Paupertas, martirium, decus virginalis virginem ad gaudium ducunt etemale.

Añã. Dum aque Tegi fluminis cursum dimittunt proprium, de sanctitate virginis palam dant testimonium.

Añã. Post certamen nobile celo coronatur, ubi delectabile lumen contemplatur.

Añã. Per amoris vinculum herens nato Dei, Herene vocabulum confirmavit rex.

Capitulum. Qui gloriatur in Domino gloriatur. *v.* Audivit et letata est Syon. p. Et exultavit.

Ad Benedictus añã. Implens sponsa sponsi consilia, manum suam misit ad fortia mundi, namque reliquit omnia, sequens nuda nudi vestigia, ps. Benedictus. *Oratio ut supra.* (Beate Herene.

AD VESPERAS

Añe de Laudibus, cum psalmis de fe. capitula et brevia R.ia de communi virginum.

Ad Magn. añã. O pudoris lilium, martirum rosa, virtutum gemma radiosa, fac nostrum colegium prece pretiosa, frui post exilium vita gloriosa. *Omtio ut supra.*

AD COMPLETAM HYMNUS 0)

In hac die recolatur
virgo cum leticia,
in qua de mundo levatur
ad regna celestia,
ubi sponsum amplexatur
grata fruens gloria.

(1) No Brev. de Soeiro é o hino de Laudes.

Virgo minas impiorum
non timens in prelio,
renuendo viri thorum
vitam finit gladio,
sic est victrix in celorum
sublimata solio.

Tria O gratis conservavit
virginale lilium
atque tandem consuma vit
vitam per martirium,
bina suum decoravit
aureola premium.

Jhesu bone te precamur,
ut Herene precibus,
in presenti sic solvamur
a reati nexibus,
quod post mortem coniugamur
angelorum cetibus.

Patri dentur atque Proli
laus honor et gloria
cum Spiritu Deo soli
per secula perhennia,
cum Herena, que nos poli
perducat ad gaudia. Amen.

(*Breviarium secundum Ordinem Divi Augustini*, fl. 444 a 446 v., Bibi. Geral da Univ. de Coimbra, R-6-14).

II

Lições do Breviário de Santa Cruz (1531)

In Sancte Herene virginis et martyris

7. Tempore nobilissimi atque chistianissimi Castinaldi et Cassie, coniugis eius, qui principabantur apud Nabantiam, fuit quedam monialis virgo, Herena nomine, nobilis progenie, sed virtutibus nobilior, anno Domini millesimo quinquagesimo tertio. Hanc quoque Remigius monachus religiosus valde edoctus docuerat tam litteras quam mores, sub gratia nobilium parentum Hermigij et Eugénie, et ex permissione abbatis Selij.

77. Qui frater Eugenie matris ipsius virginis extitit. Et in cenobio magno

(?) No Brev. de iSociro: *Quia*.

sancte virginis Marie degebat in loco parum concavo quadraginta quator scapularis monachis iuxta torrentem qui dicitur Effon, quasi sine fonte. Super hoc autem cenobium, versus aquilonem, erant constructa mira palatia predicti Castinaldi cum villa pulcherrima dicta Nabantia.

III. Sub hac villa vivebat Sancta Herena cum monialibus sanctis Deo valde devotis, quarum due sorores patris eius erant, scilicet, Casta et Iulia, que ibi postea fuerunt sepulte in singulis lapideis monumentis ubi edificatum est opus parvum et pulchrum, in modum arcuate domus.

IV. Hec autem sanctissima Herena consueverat semel in anno ad ecclesiam beati (Petri cum alijs monialibus orationis causa venire, que ecclesia erat iuxta palatium Castinaldi, ubi ipse fere semper omnes horas audiebat. Quam virginem videns, filius Castinaldi unicus nomine Britaldus concupivit eam et amore eius egrotavit. 'Cum autem multum affligeretur et de eius vita omnes nimis condolerent, queruntur medici, sed morbum non perpendentes nullum penitus egritudini eius poterant dare remedium.

V. (Sancta vero Herena sciens causam unde infirmaretur, visitans consolatur eum dissuadens ei quantum potest quod concupierat. Tunc ille sic sibi respondens ait: Si alij compleveris quod mihi denegas, te gladio percutiam, ut ultra non vivas. Tunc illa: Absit, inquit, a me, frater mi, ut tuam vel alterius nephandum compleam voluntatem. Et impositis super eum manibus, et oratione facta, redijt in domum suam. Et tunc iuvene sanato referunt Deo gratias et sancte Herene parentes eius, munera delegantes.

VI. Post hec biennio elapso intravit Sathanas in (Remigium monachum magistrum eius, et concupivit eam, et modo blandicijs et modo minis inquietare non cessabat. Que coacta sic ei respondit: Magister bone, usque modo magistrasti mihi veritatem et omne bonum, castitatem videlicet, humilitatem, pacientiam, continenciam et ceterarum virtutum perfectionem servandam, et modo Deo adversus his contraria doces.

VIII. Ille autem, videns se nihil proficere, unius herbe succum sibi artificiose in potum tribuit, et mox intumuit venter eius ac si pregnans esset. Et sic infamata per eum, cepit contemni et obprobrio haberi. At illa vero admirans asserebat se virum non cognovisse, sed venter tumens maiorem fidem faciebat credentibus.

IX. Quo comperto filius Castinaldi iterum pulsat eam minis et precibus et repulsus iterum nimio furore repletus, precepit cuidam militi de patris sui curia, amico suo charissimo, ut eam latenter gladio perimeret, et in fluvium deijceret, ut tantum facinus melius occultetur (!). Qui miles protinus insidiatus est ei, et cum orantem post matutinas laudes ante crepusculum diei in ripa fluvij eam conspexisset, accedens obturavit pannis os eius, et exutus vestibibus præter melotam gladio confodit guttur eius, et sic defunctam proiecit in fluvio o.

(*Breviarium Sanctae Crucis*, f 1. 4-89 v. a 490 v. ; Bibi. Geral da Univ. de Coimbra, R-341i6).

O (No Brev. Brac. 14*94, omite-se o que segue.

'O 'São só oito as lições; o salto de numeração está conforme o original.